

COISAS REAIS _ A CASA

Uma Exposição de António Barros

"A verdadeira utilidade da faculdade imaginativa dos tempos modernos é dar vida aos factos, à ciência e às vidas vulgares, dotando-as com o brilho, as glórias e o derradeiro carácter ilustre que é próprio de cada coisa real, e somente das coisas reais. Sem essa essencial vivificação – que só o poeta e outros artistas podem dar – a realidade pareceria incompleta e finalmente a ciência, a democracia e a própria vida pareceriam vãs." Walt Whitman

COISAS REAIS_A CASA, coleção de sete momentos de visitação a um percurso de obra desenhado no arco temporal 2000-2015, convoca uma reflexão sobre o *lugar residente*. O *lugar* como *espaço habitado*. Os objetos como obgestos. Como "coisas reais". A CASA como *lugar* de Família e questionamento. Porto de abrigo. Tempo de contemplação. Transcendência de si.

1 . "Oratória", *Coisas Reais*, CAAA_Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura, 2014, Guimarães.

Chiara d' Offreducci (1193-1253), Assis, Itália. Chiara defendeu a invasão da cidade de Assis pelos sarracenos apresentando perante eles um ostensório, objeto que os intimidou. *O objeto como lâmina da comunicação*. Com Francisco de Assis, na Porciúncula, fundou o ramo feminino da Ordem Franciscana ou Clarissas. Foi Canonizada em 1255 na Catedral de Anagni sendo então publicada a sua lenda escrita por Tomás de Celano e a bula da Canonização "Clara claris Perclara". Por ter assistido sem precisar de sair do seu leito, em 1253, a Celebração da Eucaristia, é aclamada como protetora da televisão, assim proclamada em 1958. *A comunicação como ânsia de objeto de si*.

Sendo um ícone em diversas geografias de cidade, Chiara, a Santa, na sua *imagem* aqui conjugada com os *objetos familiares*, convoca nesta condição novas relações semânticas.

Se esta Oratória enuncia narrativas colhidas na casa, lugar onde a televisão proporciona *uma janela para o mundo* (Marshall McLuhan) e o imaginário das suas fantasias formulado pelo vulgo ardente de estórias vagarosamente (*e*)*noveladas*, ela é também um gregário lugar de oração. Uma oração outra – a da *resolução do luto* e os seus "objetos transitivos" (lutos como os enunciados por uma exorcizante vascularização que se desenha de Donald Winnicott a Melanie Klein). Como objeto de contemplação, enquanto Arte da Cultura FLUXUS, resolve-se agindo no exercício da sua inquietação como ferramenta pretensamente educativa.

#2 . "Bruma", *Coisas Reais*, CAAA_Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura, 2014, Guimarães.

Esta imaginária *ritualização convulsiva* em "Bruma", aqui afirmada por um desenho comportamental colhido na Família num onírico diálogo entre gerações em distância e o seu imaginário performativo em resolução, convoca anteriores narrativas desenhadas para "Amant Alterna Camenae" – leitura construída sobre *Causa Amante*, de Maria Gabriela Llansol, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, CAPC [AB in po-ex.net/]. O suporte cénico gerado para o *espaço vivenciável*, lugar onde nevrálgicamente dialogam os *pós da terra*, reencontra ainda a experiencição dinâmica antes trabalhada em "Clareza dada pelo Tempo", obra construída sobre texto homónimo de Mário Henrique Leiria, ACTO, Instituto de Arte Dramática.

3 . "Florigen", *What is Watt?*, Museu de Arte Contemporânea Fortaleza de São Tiago, 2005, Funchal.

Florigen é um conceito criado em 1937 pelo cientista russo Mikhail Chailakian referindo o gene que comanda a floração das plantas. Uma planta a florir, enxertada noutra em estado vegetativo, induz o aparecimento de flores nesta segunda. Este fascinante florigen foi o *leitmotiv* da peça "Florigen", 2005, e também o designio de uma dimensão simbólica. Pois ninguém fica indiferente a este implícito jogo de conjugação necessário para o florescimento, e como isso tem, pode ter, paralelo com a vida amorosa entre nós. E a certeza, ainda, de como seria gratificante encontrar um florigen para fazer-nos gerar, também, na *condição flor de si* a todo o momento. E para além das *condenações di_versas*.

"Florigen", escultura moldada como objeto-livro enunciando dois ramos em *enamoramento*, visita, no seu texto residente na *casa*, o dizer de Jean Genet: "Há sim uma íntima relação entre as flores e os condenados" [Journal du Voleur].

4 . "hOra", *Progestos_Obgestos, Nas Escritas POEX*, Casa da Escrita, 2012, Funchal / Coimbra.

O suporte de registo de "hOra" parte de uma estampagem aplicada sobre vestuário – suporte recolhido nas tradicionais concentrações sociais que na madrugada de 15 de agosto surgem na *moldura* da "Senhora da Assunção" – urbana conjugação gregária formulada numa evocação simbólica à padroeira do arquipélago da Madeira ["A Senhora do Monte"]. O texto grafado sobre a *medalha* – formulado num modo legenda que se ancora à *imagem* – explora uma contaminação "verbicovisual" a partir de Augusto de Campos procurando o sentido *concretista* da vivencição da palavra. Convoca ainda esta convulsa contextualidade narrativa, uma visitação *situacionista* aos contributos de Herberto Helder e António Aragão – tão fundadores do *sentido* da Poesia Experimental Portuguesa, POEX –, ambos autores oriundos desta geografia atlântica. Retomam esta *experiencição* os textos que enunciam as razões do "Palavrador Vulcânico" e "Dos passos sem volta", momentos dialogantes com Aragão e Helder [AB in po-ex.net/].

5. "reMate", *Obgestos, Line Up Action, 2012, Coimbra.*

Neste exercício da *memória* nevrálgica – procurando revisitado os lugares simbólicos do escritor Ruben Andresen Leitão – o objeto suporte reprograma-se numa nova enunciação conseqüente. Ele veste-se a partir de uma processualidade poética. Ganha uma outra condição agora *obgestual*. A palavra geradora, mesmo ausente, faz-se dizer. Ao poeta, logo no devir do seu remate, a vontade de vencer floresce. Antecipa-se ao próprio *jogo*. Resolve-se num ser premonitório que é já em si *poema*.

Este objeto de memória, *obgesto*, convoca o *gesto* das convulsivas performatividades antes desenhados em "O Mundo à Minha Procura, Ruben A Trinta Anos Depois" – Exposição bibliográfico-documental, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 2005. A Imprensa da Universidade de Coimbra (IUC) testemunhou editando "O Mundo à Minha Procura, Ruben A Trinta Anos Depois" (Estudos), livro de José Carlos Seabra Pereira, sublinhando o perfil do escritor *rematador*.

6. "Uma cadeira para NN - Vacuidade", *Obgestos, Line Up Action, 2012, Coimbra.*

O ancoramento formal entre estes dois simbólicos *obgestos* conduz a uma outra re_lectura sobre a *collage* do que já antes foram os anteriores *elementos físicos*, esses, já em si portadores de novas condições semânticas. "Uma cadeira para NN", 2000, foi criada a partir de "NN – Auschwitz e Après" de Charlotte Delbo, Teatro do Morcego, Teatro Académico de Gil Vicente, Universidade de Coimbra. "Vacuidade", 2009, Sumbe / Coimbra, foi parte integrante de *Obgestos, Line Up Action* – Festival das Artes da Performance, iniciativa dos Estudos Artísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e ICZero, Edifício das Caldeiras, Universidade de Coimbra, 2010.

7. "DePur(o)Ar", *Coisas Reais, 2014, Paris.*

Nesta peça, princípio orientador de um objeto_livro que surge no domínio do texto visual, "o registo do movimento das pálpebras dá, no mago vértice da condição de si, o ritmo obturador galvanizado pelo olhar. Este resolve-se entre a luz e a *luminescência* (Bachelard). A cortina do lugar claro é o gerador da palavra dita. A imagem convoca a evocação do ser 'vago'.

Na bainha do vento há um desenho d' alma. Convulso. Uma visitação do espírito. Um *poltergeist* redentor". AB, 2015.

"DePur(o)Ar", imagética desta obra com versão sonora no idioma italiano, voz de Rita Cimino, será apresentado em Bolognano, Pescara, no espaço de Joseph Beuys, *Piantazione Paradise*, no *Fifth Free International Forum*, 2015, presidido por Arturo Schwarz, curadoria de Lucrezia de Domizio Durini, direção de Emanuel Dimas de Melo Pimenta, e participação de Franco Zeffirelli, Phill Niblock, Mario Costa e Marco Bagnoli.

"DePur(o)Ar", versão #3 *light*, com apresentação física em Coimbra e Barcelona na operação artística internacional: *TRANS[acto] #01*, 2015 [International Year of Light and Light-band Technologies], é parte integrante da iniciativa *725 anos da Universidade de Coimbra, Tempo de Encontro(s)*, e inscreve o Arquivo Digital da POEX, Universidade Fernando Pessoa, em po-ex.net/

"DePur(o)Ar" convoca ainda "Apokatastasis", 1985 (António Barros, Artitude:01; José Troya [Living Theatre] e.o.), operação fundadora, em Coimbra, da *urban life art* [outdoor light performance] realizada, como suporte, no alçado principal do CAPC – *Ars moriendi* ao criador do Living Theatre, Julian Beck (1925-1985) aquando da sua morte durante as filmagens em "Poltergeist", 1985, New York, para Steven Spielberg.

"DePur(o)Ar", na *manifesto* residente em *TRANS[acto] #01_Coimbra*, resulta também como gesto evocativo da vida e obra de Beck que, em 1977, na, e com a comunidade artística do CAPC, criou uma performativa *escultura social* – vivenciação na senda ginsberguiana – realizada em diálogo com a apresentação no Paço das Escolas da Universidade de Coimbra da peça "Sete Meditações sobre o Sadomasoquismo Político"(numa extensão da iniciativa *Alternativa Zero* de Ernesto de Sousa).

António Barros

Investigação em Imagística da Palavra, Facultad de Belles Arts, Universitat de Barcelona. Consultor do Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa, Universidade Fernando Pessoa. Diretoria de Imagem na Universidade de Coimbra.

Exposições anteriores no CAAA, Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura, Guimarães e no MUSAC, Museo de Arte Contemporáneo de Castilla y León.

Operações artísticas com apresentação de peças distintivas do seu estudo como: "River", com Augusta Villalobos, em *Fifth Free International Forum* 2015, Itália, a par de "DePur(o)Ar" presente também em *TRANS[acto] #01_Coimbra / Barcelona*; "Valsamar", texto de José Tolentino Mendonça, *Festival das Artes*, Fundação Inês de Castro; "Progestos_Obgestos" – Antologia 1972-2012, parte integrante do *Ciclo Nas Escritas POEX*, Casa da Escrita, Coimbra; revisitações da obra identitária "Escravos", no Centro de Arte Moderna, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação EDP, Lisboa, e na Fundação Serralves, Museu de Arte Contemporânea do Porto.

Obra representada nas coleções da Fundação de Serralves, Museu de Arte Contemporânea; Museo Vostell Malpartida, Espanha; Walden Zero – Transdisciplinary Art and Education Project, Locarno, Suíça; Archívio Guglielmo Achille Cavellini, Brescia, Itália; Fundação Bienal de Cerveira; Museu de Arte Contemporânea Fortaleza de São Tiago, Funchal; Círculo de Artes Plásticas de Coimbra; Universidade de Coimbra; Centro de Documentação 25 de Abril; Universidade do México; Câmara Municipal de Coimbra; Coleção Ernesto Melo e Castro, São Paulo, Brasil.

Colaborador das revistas *ESC:ALA* e *TriplôV*, Lisboa; *Cibertextualidades*, Porto; *Mediapolis* e *Rua Larga*, Coimbra.

Livros: "John CAGE, Música Fluxus e outros gestos da música aleatória em Jorge Lima Barreto", *Contaminações #1*; "Joseph BEUYS, Artitude:01, e progestualidades conexas na performance internacional", apresentação de Lucrezia de Domizio Durini, *Contaminações #2*; "Lástima", áudio-livro, com Ana Deus e Ricardo Seica Salgado, Edições Companhia da Lua.

barrosantonio.wordpress.com/ po-ex.net/ whatiswatt.org/ artitude.ab@gmail.com